

Os nós e os laços de que se tece uma vida profissional: um olhar a partir da Educação de Infância

Quando uma vida profissional chega ao fim, são muitos e contraditórios os sentimentos que nos assaltam: alívio, tristeza, prazer, o sentimento de missão cumprida, as interrogações do “então e agora?...”

Ao ser-me pedido que fizesse uma última lição senti que este era um desafio irrecusável mas mentir-vos-ia se não dissesse que me senti terrivelmente assustada com a responsabilidade do que me era proposto.

Uma aula sempre foi, para mim, um momento intenso de partilha, de interacção olhos nos olhos, um momento de ensinar e de aprender, em que quase sempre saía mais rica, com as mãos ásperas do giz que toda a vida utilizei em abundância e o coração cheio do prazer de me sentir útil, enquanto formadora de pessoas, no sentido pleno da palavra.

Sabia que hoje as regras do jogo seriam outras!

Nada tenho honestamente para vos ensinar.

Não haverá oportunidade de verdadeira interacção, não poderei dizer-vos ...“diga lá então o que está a pensar...” e recomeçar o discurso apoiado nos vossos contributos, sugestões ou críticas.

Aqui, hoje, trata-se de cumprir um ritual académico e o profundo respeito por esta academia a que me sinto orgulhosa e solidariamente ligada, levou-me, só por isso a aceitar o repto.

Tratava-se então agora de pensar no que poderia utilmente partilhar convosco aqui.

Quem me conhece bem sabe que nunca fui uma académica, no sentido estrito dessa palavra.

Sempre fui uma pessoa virada estruturalmente para a acção, o meu código profissional foi sempre o saber e o saber fazer e procurei com o

maior rigor construir conhecimento útil e utilizável, ao mesmo tempo que desenvolvia competências de liderança que levassem os outros, alunos e colegas, a uma participação responsável na construção do Ser e do Saber-Ser pelo Saber-Fazer.

Porque a nossa vida e o nosso percurso pessoal e profissional não acontecem por acaso mas por um acumular de experiências, de vivências e oportunidades, resolvi aproveitar uma sugestão jocosa de um dos meus filhos “dê uma lição de vida!”

Olhando para trás procurei alguns marcos do meu caminhar na existência que definiriam a pessoa que sou

- a decisão tomada, voluntariosamente, aos 17 anos, terminado o 7º ano com média de 16 e dispensa de exame para entrar na Universidade, como era regra nesse tempo distante, de tirar o curso de Educadora de Infância. Curso médio e novíssimo e algum escândalo na família!...

Como só aos 18 anos poderia iniciar o curso fui para a Bélgica estudar um ano, coisa aliás fora do normal numa época em que não havia Erasmus!... e as pessoas pouco viajavam para além dos curtos quilómetros do seu perímetro familiar...

- o Curso de Educadora de Infância que me abriu o coração e a inteligência para a problemática da Infância e me marcou para sempre com uma identidade profissional e com o encantamento permanente de tentar entender a vida pelos olhos frescos das crianças que sabem, sem saber e são “amadores de vida” sem preconceitos nem suspeições.

- um casamento feliz que me deu a estabilidade, a segurança e a confiança para viver bem comigo mesma e com a família que fui construindo e até hoje continua a ser o esteio que me agarra ao mundo, passados que são 47 anos, 5 filhos e 14 netos depois!

- a experiência do trabalho em Angola, uma aventura um pouco louca de partir, com 2 filhos muito pequenos e arrastando comigo o meu

marido, para com uma equipa de pioneiros aí organizar todo o trabalho de formação de educadores e trabalhadores sociais, e de estruturar os primeiros equipamentos educativos, um trabalho sem tempo e sem medida, onde me apaixonei por África, descobri o real significado de interculturalidade e, pela primeira vez, trabalhei numa creche coordenando uma actividade que se tornou na minha grande motivação profissional, ao mesmo tempo que criava 3 crianças pequena (uma delas lá nascida).

- os anos na Segurança Social, em que coordenei os Serviços Distritais do Instituto da Família e Acção Social, a liderança de projectos de inovação, a partilha interdisciplinar, a experiência, após o 25 de Abril, com as organizações populares de base e o apoio às suas iniciativas, um tempo inesquecível de horas e horas de reuniões em noitadas por esse distrito fora, com associações, comissões, autarquias, grupos dinamizadores, num processo que conduziria à mais que duplicação das respostas sociais estabilizadas, à infância e às famílias, na região de Setúbal.

- a vivência de 3 meses em Israel – voltando a ser estudante em clima internacional – que me abriu horizontes de compreensão de uma das zonas mais conturbadas e mal entendidas do planeta, que me pôs em contacto com experiências educativas totalmente desafiadoras e questionantes de padrões do socialmente correcto, renovando o meu olhar sobre a infância e os modelos familiares. Aí também consolidei a amizade mais funda e duradoura da minha vida.

- a passagem da Segurança Social para a Educação em 1985 teve, uma vez mais, o significado pioneiro de participar na criação de uma instituição com aquele sabor “de um caderno novo quando a gente o principia” no dizer de João Cabral do Melo Neto.

Confesso, para ser totalmente sincera, que a primeira sensação que tive foi de estranheza e algum constrangimento face aquilo que então

chamava de “saudável desarrumação intelectual”, face à autonomia pedagógica que na altura me parecia mais cada um não querer dar contas do seu trabalho, a falta de rigor dos horários e alguma dificuldade nas necessárias articulações interdisciplinares!

Rapidamente o trabalho de construção dos currícula dos primeiros cursos da ESE constituiu-se como uma experiência ímpar de autêntica comunhão de uma equipa exemplar liderada pelo Raul Carvalho, um verdadeiro trabalho de investigação-acção, que tive a oportunidade de apresentar, mais tarde, com o José Victor Adragão, na Faculdade de Ciências de Educação da Universidade de Lisboa, como uma prática investigativa inovadora e criativa de construção curricular.

Durante largos anos dediquei à ESE e ao curso que coordenava, com uma excepcional equipa de professores, todas as minhas energias, as minhas horas, a minha inteligência e os meus afectos.

Nesses tempos bons em que tínhamos como objectivo “formar professores felizes” definimos uma marca de identidade profissional consistente com a cultura e os valores da profissão, ainda emergente, de Educador de Infância, criámos um curso que era então reconhecidamente uma referência no panorama da Educação de Infância em Portugal, em que a articulação entre saberes teóricos, investigação e uma prática reflexiva, orientada por profissionais experientes, possibilitava a socialização e a assumpção de um código simbólico comum fundado na relação com os membros de um grupo facilitando, como refere Halbwachs, (1950) “o começar a pensar como os outros”. Perder tais características teria hoje consequências trágicas sobretudo num tempo em que o sucesso institucional só poderá ser assente em “clusters” de qualidade, apelativos e concorrenciais.

Um acaso do destino leva-me até à Presidência do Instituto Politécnico mas essa é história recente e sobre ela não pretendo alongar-me.

Diz Robert Fulgham num livro que é um clássico para os profissionais de educação:

“A sabedoria não se encontra no topo de nenhuma montanha nem no último ano de um curso superior. É num pequeno monte de areia do recreio do Jardim de Infância que se pode aprender tudo o que é necessário na vida:

- partilhar
- respeitar as regras do jogo
- não bater em ninguém
- guardar as coisas nos sítios onde estavam
- manter tudo sempre limpo
- não mexer nas coisas dos outros
- pedir desculpa quando se magoa alguém
- viver uma vida equilibrada: estudar, pensar, desenhar, pintar, cantar, dançar, brincar, trabalhar, fazer de tudo um pouco, todos os dias.”

A carga simbólica e afectiva deste texto transporta consigo uma mensagem que acredito nos pode fazer regressar a um momento mais ou menos longínquo da nossa existência e fazer-nos pensar no que é efectivamente importante nesta vida que vai escorrendo lentamente por entre os nossos dedos.

Referi às tantas nesta conversa a minha paixão – pessoal e profissional – pelo trabalho nas creches.

Aqui gostaria de partilhar convosco algumas reflexões sobre como a tessitura de uma vida profissional se pode ir construindo em patamares sucessivos e interactivos, crescentemente complexos, mas ligados por representações significativas que lhes vão atribuindo coerência e profundidade.

Aparentemente iniciar uma vida profissional a partir dos contextos educativos destinados a bebés (as creches), deambular pela

coordenação de instituições de infância e pela formação, produzindo ao mesmo tempo experiências de inovação como foram a concepção e o lançamento em Portugal do trabalho institucional com as amas na Segurança Social, as propostas de novos modelos de organização curricular (como as creches familiares e as mini-creches) primeiro em Setúbal e depois generalizado a todo o País, a disseminação, neste distrito, como um projecto de investigação-acção, do modelo curricular de orientação cognitivista da Fundação High-Scope (ainda antes da Fundação Gulbenkian o ter traduzido e divulgado), passando em seguida para a organização de uma proposta, ainda hoje diferenciada de formação de Educadores, (apesar de posteriores adulterações contextuais de percurso,) para terminar presidindo a uma instituição de ensino superior, pode parecer, a um olhar menos atento ou informado, um percurso pouco linear.

Permitam-me que procure provar o contrário partilhando convosco as inter-relações deste processo e a coerência que lhe encontro, agora que tenho tempo próprio, espaço e longe, para apenas pensar...sem a pressão imediatista do fazer!

Observar o crescimento de um bebé e o conjunto de aprendizagens que realiza no curto espaço que medeia entre o nascimento e os 2/3 anos de vida é um processo que continuará sempre a parecer-me a coisa mais maravilhosa a que tenho tido o privilégio de assistir e de ser parte.

Como refere Shore (1996), quando um bebé nasce, o seu cérebro pesa uns meros 25% do peso eventual que terá em adulto, enquanto um macaco nasce com um cérebro que é 60% do seu peso em adulto.

Só o cérebro humano continua a crescer à taxa fetal, e o boom de construção neural prossegue durante os dois primeiros anos de vida, antes de começar a dar sinais de diminuir. E só na puberdade se

completa a maturação física do cérebro humano, embora o desenvolvimento neural continue durante toda a vida.

A combinação de um nascimento “prematureo” e de um desenvolvimento lento significa que três/quartos do cérebro humano se desenvolve, plenamente, fora do útero materno, em relação estreita com o ambiente exterior.

E Shore sintetiza “a evolução equipou a nossa espécie com um “cérebro ecológico” que depende durante toda a vida do input ambiental”

Decorre deste enunciado um conjunto de princípios incontornáveis que eu resumo assim:

- quando as crianças atingem os 3 anos os seus cérebros são duas vezes mais activos que os dos adultos e os seus níveis de actividade caem a partir da adolescência;
- as experiências precoces têm então um impacto decisivo na própria “arquitectura” do cérebro e nas futuras competências do adulto e afectam a forma como a rede neural cerebral se estrutura.

Parece então inquestionável a fundamental importância da cuidada organização dos ambientes educativos para estas crianças tão pequenas, dotadas de um espantoso “apetite epistémico” e que exigem a presença de Educadores competentes e sabedores, que conheçam em profundidade os seus processos de desenvolvimento, que sejam capazes de apoiar as competências emergentes e os sentimentos básicos de pertença e de relação positiva com os outros.

Olhando estas crianças, observando depois as mais crescidas, já no Jardim de Infância, vendo-as crescer e aprender, no seu estilo próprio de “seres andantes”, que não sabem estar quietos mas que querem sentir-se grandes, importantes e orgulhosos dos seus pequenos feitos,

com o seu mundo próprio de sonho e fantasia, “amadores” da vida que cometem toda a espécie de erros, como qualquer principiante que se preze, e que necessitam de muito amor, atenção individualizada, respeito, tolerância, bom humor e paciência, aconteceu-me pensar que se calhar todos os seres humanos, no seu processo de se tornarem adultos, partilham necessidades básicas comuns da infância e necessitam de Educadores/Professores capazes de dar respostas adequadas e desafiadoras às suas exigências intelectuais, afectivas e de socialização.

Então eu continuo agora já a olhar os estudantes do ensino superior com o mesmo olhar de profissional da Educadora de Infância que se treinou a ver os bebés aprenderem as primeiras palavras e a darem os primeiros passos hesitantes, com um profundo respeito pela sua actividade investigativa e re-construtora do mundo à sua volta.

Não é possível abordar a problemática do Ensino Superior sem a situar num contexto mais amplo que é o caso da Educação visto numa perspectiva mais geral, como um sistema que afecta a vida do ser humano e lhe coloca desafios consideráveis.

Diz o Relatório da Comissão Internacional para a Educação no séc. XXI da Unesco, o chamado Relatório Delors, “O desenvolvimento do ser humano que vai do nascimento até ao fim da vida é um processo dialéctico que começa pelo conhecimento de si para se abrir em seguida à relação com o outro.

Neste sentido a educação é antes de mais uma viagem interior cujas etapas correspondem às da maturação contínua da personalidade. Supondo uma experiência profissional bem sucedida, a educação como meio de tal realização, é ao mesmo tempo um processo muito individualizado e uma construção social interactiva”.

No século XXI, numa sociedade que muda a uma velocidade estonteante, em que aquilo em que acreditámos ontem pode muito bem ser questionado hoje, e sendo que o sistema educativo não funciona no vácuo, há que reposicionar as questões da educação e da Escola, numa atenção cada vez mais centrada nos contextos sociais e culturais, tal como o fazemos relativamente às Creches e aos Jardins de Infância.

A sociedade industrial e o modelo liberal de Estado dos últimos dois séculos estão na origem de sistemas educativos orientados para o “aprender ensinado”.

A sociedade industrial postula um mundo mecanizado em que as fábricas se transformam em máquinas e os homens em peças.

As escolas imitaram o modelo de perfeição mecanicista, como linhas de montagem para a produção massificada de recursos humanos.

Programas rígidos e o conhecimento entendido como um “produto material” (dar a matéria!) ofereciam como objectivo da Escola transferir conteúdos para as cabeças dos alunos.

Se os princípios Tayloristas se tornaram obsoletos, a inércia da Escola manteve-se, com uma preocupação mais centrada sobre os modos colectivos de organizar o ensino do que nos processos individuais de aprendizagem.

O paradigma educacional numa sociedade de informação tem que ser profundamente alterado reclamando novas formas de organização da Escola e da aprendizagem, tal como aliás preconiza o chamado processo de Bolonha.

O aluno não pode ser mais visto como o aluno peça de máquina, um aprendente isolado/avaliado isoladamente (colaborar é batota!) mas como um aluno nó-de-rede membro de uma comunidade que vale não só por si mas também pelas comunidades em que se insere.

Neste novo paradigma que reconhece como fundamental a parcela do saber que emerge como uma construção pessoal e social, em que a valorização dos conteúdos vai de par com a valorização dos contextos, há que saber gerir de forma inteligente as interacções entre conteúdos e contextos.

Relativamente aos conteúdos, creio que todos sabemos do que estou a falar: matérias, programas, saberes teóricos, técnico-práticos, práticos.

Por contextos quero referir o clima formativo da Escola que aceita e favorece a participação, a qualidade dos espaços de formação, os laboratórios adequadamente equipados, as iniciativas de carácter cultural facilitadoras do convívio e da articulação com a comunidade, tudo aquilo que parecendo exterior é parte integrante de uma perspectiva ecológica da educação.

A Escola tem que tornar possível a construção de aprendizagens pelos próprios aprendentes em ambientes diversos e culturalmente ricos, que sejam facilitadores de construção de aprendizagem colectiva e individual.

Roberto Carneiro refere num ensaio chamado "**Aprender:2020**" a existência de três formas de aprender que são, em condições normais, simultâneas e sobreponíveis.

O **Aprender ensinado** que reveste um forte carácter institucional, com uma importante intervenção do Estado e que procura responder a necessidades básicas de educação, com o desenvolvimento colectivo de competências básicas de acesso à informação e que define mecanismos comuns de validação. Este tipo de aprendizagem é tipicamente próprio dos primeiros anos da escolaridade.

O **Aprender assistido** pode desenrolar-se quer num campo virtual disponível na internet ou em locais colectivos, mas as intervenções exteriores operam-se por solicitações do aprendente.

O **Aprender autónomo** é o que decorre da capacidade de reflexividade do que aprende, das suas possibilidades de auto-gerir a informação, de a articular com a dos outros, num processo simultaneamente pessoal e social.

Se aprender constitui então uma função incontornavelmente de construção pessoal e relacional faz todo o sentido a preocupação com os contextos aprendentes.

Os processos educativos e as Instituições vencedoras são aqueles que conseguirem gerir com elevada flexibilidade uma mescla de **aprender ensinado** de qualidade (com uma dose significativa de componentes de ensino) com formas diversificadas de **aprender autónomo** mais propício à assimilação do novo conhecimento, com recurso a modalidades de prática (o aprender fazendo), criação de comunidades de pertença, e estimulando a aprendizagem significativa.

A este propósito será interessante referir que David Woods no seu livro "Como a criança aprende" cita trabalhos de investigação que procuram responder, entre outras, a esta questão:

"Em que é que o desempenho de crianças com alta pontuação em testes de competência académica geral difere do de crianças com baixa pontuação?" (crianças com alto sucesso v.s. crianças com baixo sucesso).

Descobriu-se que crianças com alto sucesso são mais competentes nos processos de auto regulação. Ou seja são crianças com o desejo e a capacidade de aprender, com capacidades de concentração e de memorizar, têm confiança em si próprias, são capazes de avaliar e redireccionar os seus esforços (auto-correcção e auto-instrução) são capazes de compatibilizar as suas próprias necessidades e desejos com as necessidades dos outros.

Estas competências desenvolvem-se precocemente, durante os primeiros anos de vida, quando os ambientes educativos são os adequados, conclui o autor.

O que parece uma vez mais confirmar que o que está em questão, quando se fala de aprendizagem, são essencialmente os processos pessoais de construção de conhecimento – o aprender autónomo – sem esquecer a componente fundamental da interacção com os outros, quer sejam pares, quer adultos mais informados, que são os professores.

Foi então com o meu saber de Educadora de bebés que eu fui capaz de abordar jovens adultos em formação, dar-lhes o espaço de afirmação pessoal, o desafio para irem mais além, funcionando eu como “mediador” no dizer de Vygotsky ou como “forma substituta de consciência”, como dizia Brunner, e sentindo acontecer neles uma interiorização do conhecimento exterior, que se transforma numa ferramenta de controlo interno, ao mesmo tempo que cresce o sentimento das suas identidades profissionais.

Mas foi também, em muito, o meu saber de Educadora que me valeu quando, por circunstâncias contextuais do destino, fui chamada a servir a comunidade académica, enquanto sua Presidente.

Foi no trabalho de terreno, como Educadora, e depois como formadora, que eu descobri as regras básicas do trabalho de equipa, que melhorei competências de liderança, que aprendi a importância dos afectos nas relações inter-pessoais e a urgência de estar atenta aos outros, aos seus sentimentos, aos seus saberes, às suas opções e a lançar os desafios nos momentos certos.

Eu costumava dizer aos meus alunos: “o verbo que melhor define a actividade dos educadores é o de orquestrar – o educador orchestra o ambiente de aprendizagem, coordenando e facilitando numerosas actividades, andando pela sala, apoiando as necessidades sociais e

cognitivas das crianças, ajudando quando necessário, encorajando e reconhecendo os esforços das crianças e desafiando-as para novos níveis de aprendizagem.”

Coube-me a honra de ser a “maestrina” desta grande orquestra!

Uma orquestra de múltiplos instrumentos, com inúmeros virtuosos, alguns solistas, uma orquestra de repertório variado e contrastes dinâmicos, com um discurso sinfônico que por vezes flui em ambiente dramático mas que a maior parte do tempo se rege pela partitura que vai sendo capaz de recriar!

Espero ter sido capaz de provar que os meus nós e laços de vida profissional sempre se ataram e desataram a partir de um olhar da Educação de Infância!

Muito obrigada pela vossa paciência!

Maio 2006

Maria Cristina Corrêa Figueira

Nota da autora :

Esta lição foi escrita ao "correr da pena"...

Houve um Amigo que nesse dia da lição me chamou de transgressora !
Mas não é por transgressão gratuita - que aliás nunca cultivei - que decidi não lhe colocar as habituais referências bibliográficas.

Foi tão somente uma opção de liberdade de fim de carreira, que espero possa merecer a vossa compreensão.